

A Espiritualidade nos Santos Padres

Pe. Henrique E. Cervi
Professor de Patrologia

Toda e qualquer tentativa de verificação de uma "espiritualidade" nos Padres da Igreja, assim como a concebemos, hoje, deverá reportar-se, necessariamente, aos tradicionais conceitos e práticas da ascese e da mística, presentes no pensamento patrístico, embora nem sempre coincidentes com os conceitos e práticas da "ascese" e da "mística", assim como foram desenvolvidos na Idade Média ou na Idade Moderna e Contemporânea da História da Igreja.

Assim, de fato, encontramos nos Padres, uma constante valorização da ascese como um esforço metódico de reprimir as tendências inferiores da natureza a fim de realizar, progressivamente, a **perfeição espiritual**; como um trabalho, prolongado e austero, para se atingir a virtude. Esse conceito foi herdado dos gregos (na língua grega, "*askesis*"), tanto no sentido do exercício físico, como no do exercício intelectual, moral e, finalmente, religioso, tornando-se, também, uma acepção familiar à espiritualidade cristã, a partir, principalmente, de CLEMENTE de Alexandria e de ORÍGENES.

Derivando-se da fé ou da adesão a Cristo, a ascese cristã, como exercício ativo de esforços metódicos e progressivos, dirigidos à conquista das virtudes, supõe um *aspecto negativo* (árdua luta pela libertação dos pecados e pela superação dos limites) e um *elemento positivo* (a própria perfeição). O aspecto negativo, considerado como um "*combate espiritual*", é uma constante, no pensamento dos Padres.

As *formas* mais características de ascese cristã, nos séculos da Patrística, têm sido:

1. o **martírio**, como ideal heróico dos séculos II e III: o mártir, cópia do Cristo padecente, aparece como o discípulo perfeito. Por outro lado, a vida cristã, em luta contra as paixões, é considerada como uma aspiração e quase um equivalente do martírio;

2. a **virgindade**, sendo, muitas vezes, comparada com o próprio martírio, foi, desde o século II, um fortíssimo argumento para os Apologistas. E, nos séculos III e

IV, floresceu toda uma literatura sobre o valor e a prática da virgindade, unida à própria ação apostólica;

3. o **monaquismo**, desde a metade do século III até, principalmente, os séculos IV e V. Todos os meios ascéticos, no monaquismo, estão coordenados numa orientação para a santificação moral: trabalho manual, solidão, penitência, oração litúrgica e contemplativa, dura vida apostólica. O fundo comum é formado pelos *conselhos evangélicos*, assumidos pelos votos (*obediência, castidade e pobreza*) e pela vida comum, na oração e na mortificação.

À massa dos fiéis cristãos, os Padres inculcam a vida ascética, propondo abstinências, jejuns, orações, caridade prática, embora reconheçam que a plena educação ascética se realiza no plano individual, inclusive sob a guia de "diretores espirituais", como diríamos hoje, mediante práticas e métodos adaptados à índole, às exigências e às capacidades de cada pessoa.

Já o termo **mística** designa, hoje, de forma geral, ou o estado de ânimo de quem mergulha na realidade espiritual, mediante a contemplação religiosa ("*misticismo*"), ou a doutrina referente a esse estado ("*teologia mística*"). A palavra, de origem grega ("*mystikós*" = "*com os olhos fechados*"), concernente aos "*mistérios*"), passou para a linguagem

cristã, sendo assumida pelos Padres, sucessivamente, com **três significados diferentes**: em CLEMENTE de Alexandria e em ORÍGENES, místico é o sentido *alegórico* do Antigo Testamento; mais adiante, místico é o que está presente, mas *escondido* sob o véu dos sacramentos, como em EUSÉBIO de Cesaréia e em HESÍQUIO de Jerusalém.

Por fim, no Pseudo-DIONÍSIO, "místico" corresponde a uma consciência experimental ou quase experimental das *realidades divinas*, procedente de uma união íntima com Deus, realizada, prevalentemente, pela liturgia eucarística, como realização do "*Mistério de Cristo*" (cf. Ef 3,4). Este terceiro e último significado, preservado através da Idade Média, é o que permanece em uso, nos dias de hoje, no cristianismo.

A mística, na visão dos Padres, conforme o sentido teológico que acabamos de expor, é, portanto, um estado

"A mística, na visão dos Padres, é um estado de vida espiritual, mais elevado"

de *vida espiritual*, mais elevado, no qual a alma, enriquecida pela Graça santificante, purificada e exercitada na prática das virtudes cristãs, atinge uma união íntima com Deus. Santo AGOSTINHO, ao comentar as bem-aventuranças evangélicas, relacionadas com os dons do Espírito Santo, chegando ao último dos dons, afirma: "*O sétimo é a sabedoria, isto é, a contemplação da verdade, que pacifica o homem todo e lhe confirma a semelhança divina*"(*). Encontramos ampla descrição desta mesma mística sabedoria no Pseudo-DIONÍSIO e, entre tantos outros, em São GREGÓRIO Magno.

A doutrina dos Padres, a respeito da espiritualidade relacionada com a mística, haveria de ser continuada, sistematizada e desenvolvida, durante a Idade Média, culminando com o aperfeiçoamento definitivo que lhe conferiram, já na Idade Moderna, os ramos feminino e masculino da Ordem do Carmelo, com as personalidades de TERESA de Ávila e JOÃO DA CRUZ.

A CARIDADE E A ESPIRITUALIDADE

II. Um apanhado, mesmo sumário, como o nosso, de uma "*espiritualidade*" nos Padres da Igreja, ficaria seriamente truncado se não fossem levadas em conta, na constituição dessa "*espiritualidade*", as duas colunas de sustentação do Cristianismo, nos primeiros séculos de sua existência: a *caridade* e a *piedade* do povo de Deus.

Os Padres, de fato, mesmo no turbilhão das controvérsias, na luta contra as heresias as mais variadas e na defesa da ortodoxia católica, jamais deixaram de cultivar essas duas manifestações mais características do estado de *perfeição espiritual*, no seu tempo, apesar das múltiplas deficiências que podem ser apontadas.

Sendo, a caridade, consubstancial com o cristianismo, não é de estranhar que a doutrina dos Padres esteja impregnada de uma espiritualidade enraizada no *amor ao próximo*, na ajuda aos necessitados, na alimentação dos pobres, na acolhida e no amparo das viúvas, dos órfãos, dos peregrinos e dos enfermos. A *dimensão prática* dessa caridade, jamais considerada como uma mera proposta ideal, está muito viva no testemunho de Santo AGOSTINHO que, pouco depois de sua conversão, renunciou ao usufruto de seus bens, em favor dos necessitados. Para muitos Padres, o verdadeiro sentido da caridade

para com os pobres deveria levar a uma atitude de *veneração* por eles, vistos como uma manifestação do próprio Cristo Jesus. Cada pobre era o "*Senhor e Mestre*" de todo cristão.

Levados por esse espírito de caridade, os Padres, alguns deles também Bispos da Igreja, notadamente São BASÍLIO Magno, São GREGÓRIO Nazian-

zeno, São João CRISÓSTOMO e outros, no *Oriente*, e Santo AMBRÓSIO, São LEÃO Magno, São GREGÓRIO Magno e outros, no *Ocidente*, puseram a sua literatura a serviço dos devedores, dos necessitados de asilo, dos prisioneiros, dos famintos, dos doentes. São BASÍLIO, inclusive, foi o grande pioneiro na criação de *hospitais* (do latim, "*hospes*" = "*hóspede*" ou "*peregrino*"), que não eram, em princípio, casas de enfermos, mas, casas destinadas a acolher *todos* os necessitados que se encontravam sem lar. Podemos afirmar, de fato, que essa caridade, na mente dos Padres, é a expressão mais pura da perfeição espiritual, num sentido genuinamente cristão.

Essa mesma caridade era, por sua vez, uma prova evidentiíssima da *vida de piedade* do povo cristão. Os Santos Padres desenvolveram, sempre, um trabalho de cultivo dessa piedade, indispensável para uma plena, crescente e ativa perfeição espiritual. Julgavam eles, acertadamente, que, somente sobre um ambiente de vida e de piedade cristãs, seria possível o surgimento dos santos e santas, o desenvolvimento da liturgia, das artes, e o incremento da participação nos sacramentos da Igreja.

Dentre todas as *manifestações da piedade do povo* de Deus, notadamente nos séculos IV - VII, os Padres insistiram, principalmente, nas seguintes práticas:

1. *culto a Jesus Cristo e culto a Maria, Mãe de Deus* - incrementados a partir das resistências às heresias cristológicas, conduziram, como conseqüência, a uma *sã piedade eucarística e sacramental* e a um crescente amor a Maria, sua Mãe. Uma das mais notáveis manifestações dessa *espiritualidade marial*, nós a encontramos nos hinos do diácono Santo Efrém de Edessa;

2. *culto aos Anjos e aos Santos e Santas* - a veneração extraordinária tributada aos *mártires* haveria de se estender, no futuro, também aos chamados *confessores*. Neste terreno, os Padres, notadamente, Eusébio de Cesareia, Santo Ambrósio, São João Damasceno, Santo Isidoro de Sevilha e outros, trabalharam pela conquista de uma *espiritualidade santoral* que, em hipótese alguma, pudessem prejudicar ou desvirtuar o culto devido a Deus, acima de tudo, inclusive orientando para o correto culto das *reliquias* e das *imagens* e para a adequada e conveniente prática das *peregrinações* à Terra de Israel e a outros lugares santos.

NOTA

(*) Cf Dictionnaire de Spiritualité, ascétique et mystique, doctrine et histoire, fasc. IV, col. 1113, Paris, 1937

Endereço do Autor:

Rua Esteves Júnior, 447,
88015-530 - FLORIANÓPOLIS - SC

"O verdadeiro sentido da caridade para com os pobres deveria levar a uma atitude de veneração por eles"